

A RELAÇÃO DA VINCULAÇÃO AMOROSA COM A IDEACÃO SUICIDA EM JOVENS ADOLESCENTES

Catarina Fernandes, Universidade do Algarve, catarina.fernandes29@gmail.com

Lúcia Barracosa, Universidade do Algarve, luciabarracosa@hotmail.com

Ricardo Nunes, Universidade do Algarve, mtb_ricardonunes@hotmail.com

Sofia Pimenta, Universidade do Algarve, sofiapimenta40@hotmail.com

Ana Susana Almeida, Universidade do Algarve, rociodealmeida@gmail.com

Cátia Martins, Universidade do Algarve, csmartins.ualg@gmail.com

Resumo: A preocupação crescente relativamente ao suicídio na adolescência instiga a necessidade de identificar os aspetos associados à intensidade da ideação suicida. Entre os diversos aspetos, a relação com os pais e o par amoroso, adquire uma importância fulcral nesta etapa desenvolvimental, intimamente influenciada pela vinculação amorosa. A presente investigação tem como principal objetivo verificar o impacto de diferentes aspetos, nomeadamente dos perfis de vinculação amorosa estabelecidos (i.e., confiança; dependência, evitamento e ambivalência) na ideação suicida de jovens. Participaram no estudo 228 adolescentes, 139 do sexo feminino e 89 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos de idade ($M=16.32$, $DP=1.631$). Utilizaram-se três instrumentos, um Questionário de dados sociodemográficos, o Questionário de Ideação Suicida e o Questionário de Vinculação. Os resultados obtidos permitiram constatar que os adolescentes com níveis mais elevados de ideação suicida são tendencialmente do sexo feminino, percecionam ter uma má ou fraca relação familiar, uma baixa situação económica, uma história de depressão prévia e um perfil ambivalente relativamente ao par amoroso. Por outro lado, maior confiança na relação amorosa associa-se a níveis mais reduzidos de ideação suicida. São discutidas as implicações práticas dos resultados obtidos no que se refere aos critérios basilares de rastreio e identificação de adolescentes em risco de suicídio.

Palavras-chave: ideação suicida; vinculação amorosa; adolescência.

Introdução

Desde sempre que o suicídio tem sido alvo de elevada controvérsia. Já na Antiguidade, o suicídio teve um grande enfoque na sociedade, não obstante a transformação no que diz respeito às perspectivas que tem sofrido ao longo da história (Gutz, 2007), baseando-se numa visão ambivalente: por um lado, visto como um ato de liberdade humana, por outro, como um atentado à vida, inclusive considerado de carácter criminoso e punido por lei. Atualmente é perspetivado como uma morte provocada por lesão, envenenamento ou sufocação, que apresente evidências que tenha sido autoinfligida, com intenção de morte (Gutz, 2007).

O comportamento suicida é considerado por Borges, Fensterseifer e Werlang (2005) em três vertentes: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. No que concerne à primeira vertente, há uma importância redobrada no seu estudo em virtude de se considerar um dos preditores de risco (Barrios, Brener, Everett, & Simon, 2000), com tendência a aumentar conforme a idade cronológica, sobretudo depois da puberdade (Cantwell & Carlson, 1982). Esta situação tem vindo a aumentar na população em geral, apresentando-se, no caso dos adolescentes, como a terceira causa de morte em termos mundiais (Bertolote & Fleischmann, 2004).

Assim, a adolescência assume um papel de extrema importância uma vez que, para além de ser uma fase caracterizada por muitas transformações e transições (Frasquilho, 1996), os adolescentes recorrem, por vezes, a condutas impulsivas ou agressivas, que poderão ser o primeiro passo para um eventual suicídio (Flechner, 2000). Porém, esta realidade é, por vezes, subestimada por parte das próprias famílias que negam a situação (Borges & Werlang, 2006).

Quando se pensa nas causas que podem estar latentes a este comportamento, várias são as relações estabelecidas, nomeadamente com as alterações físicas, a identificação a nível sexual e o estabelecimento de relações com o outro, (que podem causar ansiedade e angústia), ou o facto de serem muito impulsivos, hipersensíveis, “desequilibrados”, sentindo, por vezes, a sensação de solidão (Bouchard, 2006). As investigações apontam igualmente para diferenças de género, sendo que indivíduos do sexo masculino revelam planificação cuidadosa do ato, com recurso a métodos letais e, no caso de sobrevivência, esta deve-se a mero acaso (Prieto & Tavares, 2005). No que se refere ao sexo feminino, apresentam preferência por métodos que não os colocam em riscos imediatos. Evidenciam impulsividade, frequentemente denominada de gesto suicida (Baptista, 2004). Man (1999) demonstra que as raparigas adolescentes apresentam quatro vezes mais ideação suicida e três vezes mais

tentativas de suicídio quando comparadas com os rapazes, o que pode ser explicado por estas apresentarem maiores índices de depressão (Clum & Esposito 2002).

Contudo, dada a multiplicidade de fatores, dimensões e contextos envolvidos neste fenómeno, não é profícuo tentar encontrar uma explicação num acontecimento isolado, mas sim considerar a história que antecede o problema, bem como os problemas vivenciados no passado e os conflitos experienciados anteriormente (Bouchard, 2006). Desta forma, Diekstra e Kerkhof (1994) referem ser importante considerar os vários fatores, quer internos quer externos, que poderão estar envolvidos no ato suicida, e assumir uma perspetiva multidisciplinar na sua compreensão (Souza & Ávila, 2007).

De um modo geral, pode-se então afirmar que existem diversos fatores de risco associados ao suicídio na adolescência tais como: fatores culturais e sociodemográficos, estilo cognitivo, personalidade, doença física, conflitos interpessoais, abuso, violência, problemas de relacionamento e distúrbios psiquiátricos (Bertolote, De Leo, & Lester, 2003; Bouchard, 2006).

Destacam-se igualmente aspetos relacionados com antecedentes familiares de suicídio e o consumo de substâncias (Runeson, 1998). Destaca-se ainda a depressão, quer pelo facto de poder ter repercussões por toda a vida (Fombonne, 1998), quer enquanto antecedente da ideação suicida, uma vez que se encontra fortemente associada a tentativas de suicídio, sendo importante dar atenção aos sinais (e.g., pensamentos negativos, falta de atenção, deceção com a própria pessoa, desespero, irritabilidade, falta de estímulo para realizar as atividades rotineiras), não os banalizando (Bouvard & Doyen, 1996).

O jovem suicida pode-se ver a si próprio enquanto alguém bastante passivo, revelando isolamento social e baixo desempenho académico, sem objetivos de vida, uma vez que esta para si não apresenta atratividade. Porém, nem todos os jovens com ideação suicida

demonstram este padrão, podendo inclusive apresentar uma vida social e escolar muito bem-sucedida (Bouchard, 2006).

Por outro lado, no tocante aos fatores de proteção, as investigações enunciam uma relação estável com a família, boas habilidades a nível social, capacidade de comunicação, boa receptividade à ajuda externa, capacidade de estabelecer objetivos futuros (WHO, 2002), autoestima positiva, suporte financeiro e crença de poder controlar a própria vida (Baptista, 2004) enquanto aspetos pertinentes e “bloqueadores” do processo.

A vinculação amorosa

A predisposição para relações de vinculação existe ao longo de toda a vida, e não se relaciona apenas com a relação parental, apesar de esta ser a forma primordial de vinculação (Bowlby, 1969).

Efetivamente, é na adolescência que se começa a formular a vinculação com um par, embora esta ainda não revele grande ênfase pois a permanência no tempo não a constitui enquanto vinculação, nem o outro assume um papel exclusivo na vida do adolescente (Barbosa, Costa, & Matos, 2001). Outro tipo de relação que começa a surgir nesta fase é a amorosa, que se caracteriza sobretudo por elevados níveis de afiliação representados na proximidade física, na partilha de atividades e no companheirismo (Adams, Laursne, & Wilder, 2001). Com o avançar da idade, denota-se uma procura de proximidade emocional representada pela interdependência, reciprocidade, diversidade de atividades partilhadas pelos parceiros e pela interação social diária (Adams *et al.*, 2001).

A vinculação amorosa nesta fase associa-se ao crescimento individual, nomeadamente à formação de uma identidade pessoal, adaptação a alterações nas relações familiares, envolvimento em relações harmoniosas com pares, sucesso escolar e desenvolvimento da maturidade sexual (Collins, Furman, & Welsh, 2009).

No que concerne os fatores envolvidos, Matos, Barbosa e Costa (2001) referem existir quatro dimensões na vinculação: a confiança, o evitamento, a dependência e a ambivalência. A confiança constitui o modelo positivo de si próprio e do outro e relaciona-se com as percepções do sujeito relativamente à sensibilidade do par romântico para satisfazer as suas necessidades. O evitamento refere-se ao papel secundário que o companheiro ocupa no preenchimento das necessidades de vinculação, bem como na centração do sujeito na sua capacidade de resolução de problemas. A dependência avalia a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda. Por fim, a ambivalência avalia a insegurança do sujeito (Barbosa et al., 2001).

Atendendo à importância da vinculação, quer na fase da adolescência, quer enquanto factor protetor no desenvolvimento da ideação suicida, o presente estudo pretende analisar a associação entre os perfis vinculativos e a emergência da vertente de ideação suicida.

Método

Participantes

Foram inquiridos 228 adolescentes, 139 do sexo feminino e 89 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos ($M= 16.32$, $DP= 1.63$). Estes constituíram dois grupos amostrais distintos: uma amostra *online* ($n=135$; sexo feminino=99; sexo masculino=36) e uma amostra presencial ($n=93$; sexo feminino=40; sexo masculino=53). O primeiro grupo apresentou uma média de idades de 17.16 ($DP=1.35$), e o segundo uma média de 15.11 ($DP=1.16$).

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

• **Questionário de Dados Sociodemográficos**, composto por questões direcionadas para o levantamento de variáveis pessoais (e.g., idade, género, habilitações literárias), bem como informações relativas ao agregado familiar, orientação sexual, vinculação amorosa passada e atual, e ainda o histórico de depressão familiar e do próprio;

• **QIS – Questionário de Ideação Suicida** (Reynolds, 1988, adaptação de Castela & Ferreira, 1999) que se destina à avaliação do nível de gravidade dos pensamentos e cognições suicidas em adolescentes e jovens adultos. É composto por 30 itens, que apresentam sete alternativas de resposta numa escala tipo *Likert*. Os resultados obtidos no QIS podem variar entre 0 (valor mínimo) e 180 pontos (valor máximo), sendo que quanto mais elevada for a pontuação maior será a frequência de pensamentos suicidas. Uma pontuação (através de soma aritmética) igual ou superior a 41 poderá indicar uma significativa psicopatologia e um potencial risco de suicídio;

• **QVA – Questionário de Vinculação Amorosa** (Barbosa, Costa, & Matos, 2001), instrumento de autorrelato que procura descrever a forma como os indivíduos se relacionam com o(a) namorado(a). Constituído por 46 itens engloba as quatro dimensões da vinculação amorosa: confiança ($\alpha = .86$) com um valor mínimo de 12 pontos e máximo de 72, dependência ($\alpha = .78$) com um valor mínimo de 12 pontos e 72 de máximo, evitamento ($\alpha = .81$) com um valor mínimo de 13 e máximo de 78 e ambivalência ($\alpha = .79$) que por sua vez pode apresentar um valor mínimo de 9 e máximo de 54 (Assunção & Matos, 2010), avaliadas numa escala de tipo *Likert*, de 7 pontos. O resultado de cada subescala consiste na soma aritmética dos itens que a constituem.

Procedimento

A recolha de dados baseou-se em dois momentos distintos consoante o grupo de participantes considerados: a disponibilização *online* do questionário publicitando-o nas redes sociais e a recolha presencial numa escola básica do concelho de Faro.

Resultados

Tendo em conta que se procedeu à recolha de dados de duas formas diferentes, procurámos verificar se existiam diferenças significativas entre o Grupo Escola e Internet. Apenas se verificaram diferenças significativas ao nível da relação familiar ($p = .001$ $M = 5.14$, $DP = 1.487$) e na ideação suicida ($p = .021$, $M = 29.16$, $DP = 34.82$), tendo-se optado pela aglomeração dos grupos na análise.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Sexo	1									
2. Id. Suicida	-,200**	1								
3. Depressão	-,199**	,381**	1							
4. DE	-,076	-,048	-,084	1						
5. SE	,249**	-,168*	-,212**	,186**	1					
6. RF	,223**	-,337**	-,331**	,158*	,268**	1				
7. VA Depen	,012	,122	,125	-,039	-,137*	,039	1			
8. VA Evita	,071	-,105	-,028	,046	,088	-,099	-,395**	1		
9. VA Ambiv.	-,064	,245**	,152*	-,004	-,018	-,140*	,329**	,173**	1	
10. VA Conf.	-,126	-,245**	-,211**	,107	-,079	,215**	,208**	-,352**	-,331**	1

Nota: DE (Desempenho Escolar); SE (Situação Económica); RF (Relação Familiar)

** $p < .01$; * $p < .05$

Tabela 1: Correlações entre as variáveis em estudo

No tocante ao género, os resultados indicam que as raparigas apresentam índices de ideação suicida superiores aos rapazes ($r = -.200$, $p < .01$), sendo estes os que revelam apreciações mais positivas da sua situação económica ($r = .249$, $p < .01$) e relação familiar ($r = .223$, $p < .01$).

Relativamente à ideação suicida e à existência de episódios de depressão (historial), encontrou-se uma correlação significativa e positiva entre ambas ($r = .381, p = .000$, bilateral), ou seja, indivíduos sem historial de depressão revelam índices mais baixos de ideação suicida.

Ainda a respeito da ideação suicida, procurou-se associá-la as diversas dimensões vinculativas, tendo-se encontrado apenas uma relação positiva com a ambivalência ($r = .245, p < .01$) e negativa com a confiança ($r = -.245, p < .01$). No tocante ao historial de depressão, este correlacionou-se negativamente com duas dimensões vinculativas, a ambivalência ($r = .152, p < .05$) e a confiança ($r = -.211, p < .01$). No que se refere às dimensões vinculativas, os resultados encontrados apontam para uma relação negativa entre a dependência e a situação económica ($r = -.137, p < .05$), uma associação negativa entre a ambivalência ($r = -.140, p < .05$) e a relação familiar, e positiva entre esta e a confiança ($r = .215, p < .01$).

O desempenho escolar apenas evidenciou relação positiva com a situação económica ($r = .186, p < .01$) e a relação familiar ($r = .158, p < .05$).

Clusters

Com o objetivo de analisar se os participantes apresentavam padrões de semelhança entre si (i.e., identificar subgrupos homogéneos) no que diz respeito às várias características e dimensões analisadas, utilizou-se o procedimento de agregação *Wards*, tendo-se determinado os *Clusters*, com recurso à medida de semelhança ou distância entre pares de casos, a distância Euclidiana. A análise do dendograma, dos quadros de aglomerações, bem como a comparação entre os resultados obtidos resultaram numa solução final de 4 *clusters* interpretáveis de participantes, classificados de acordo com as suas características.

No que se refere ao primeiro *cluster* encontrado, denominado de “Evitantes”, pelo facto dos sujeitos apresentarem valores vinculativos mais elevados de evitamento. Constituído por 55 participantes, 23 raparigas e 32 rapazes, que apresentaram uma de idades de 16.18 anos

($DP = 1.611$). Relativamente às características vinculativas, são indivíduos que apresentam resultados baixos de dependência ($M=28.95$, $DP= 9.13$), e valores médios nas dimensões de evitamento ($M=42.78$, $DP = 7.8$) e ambivalência ($M=27.87$, $DP = 6.89$). A confiança, que revela pontuações que se destacam relativamente às demais dimensões em todos os grupos formados, apresenta igualmente valores médios-altos ($M=51.87$, $DP = 9.61$). Por último, verifica-se que os “Evitantes” apresentam valores de ideação suicida muito baixos ($M=3.65$, $DP = 4.05$), compatíveis com uma quase inexistência a este nível

Relativamente ao segundo *cluster*, denominado de “Confiantes” pelo facto de não apresentarem valores que se destacam, comparativamente aos demais grupos, em nenhuma dimensão vinculativa, era composto por 92 sujeitos, 51 do sexo feminino e 41 do sexo masculino, com uma média de idades de 16.03 ($DP = 1.732$). No que diz respeito às suas características vinculativas, apresentaram valores médios de dependência ($M = 40.87$, $DP = 9.28$) e de ambivalência ($M = 24.53$, $DP = 6.34$), com resultados baixos no evitamento ($M = 26.15$, $DP = 6.71$) e elevados na confiança ($M = 64.83$, $DP = 5.20$). No tocante à ideação suicida, apresentaram índices baixos ($M = 9.42$, $DP = 9.86$).

No que concerne o terceiro *cluster*, os “Neutros”, que revelaram os valores mais elevados de confiança na relação amorosa, era constituído por 50 participantes, sendo 38 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com uma média de idades de 16.86 ($DP= 1.47$). As suas características vinculativas destacavam valores baixo-médios de dependência ($M= 34.44$, $DP= 9.99$) e evitamento ($M= 35.34$, $DP= 7.05$), e valores médio-elevados de ambivalência ($M= 31.68$, $DP= 8.16$) e confiança ($M= 56.00$, $DP= 8.26$). Relativamente à ideação suicida, este grupo apresenta valores medianos ($M= 28.16$, $DP=11.26$).

O quarto *cluster*, designado de “Dependentes/Ambivalentes” pelo facto de apresentar os valores mais elevados nas dimensões dependência ($M=42.52$, $DP=14.67$) e ambivalência

($M=32.79$, $DP=11.31$), constituía-se por 29 sujeitos, maioritariamente do sexo feminino ($n=25$), com idade média de 16.66 ($DP= 1.37$). No que concerne às demais dimensões de vinculação, revelaram uma média mais elevada na Confiança ($M=52.97$, $DP=13.51$) comparativamente ao Evitamento ($M=29.76$, $DP=10.06$). O índice de ideação suicida foi elevado ($M=100.42$; $DP=24.58$).

Diferenças entre Clusters

No que refere à relação entre os diferentes *Clusters*, apenas se analisou a significância das diferenças entre as dimensões da vinculação amorosa e a ideação suicida. O nível de Dependência apresenta diferenças significativas de elevada magnitude entre os grupos ($F[3,225]= 19.552$, $p=.000$, $f=.514$), revelando valores mais elevados nos "Dependentes/Ambivalentes" e mais baixos nos "Evitantes". O Evitamento, caracterizado por valores mais elevados nos "Evitantes" e os mais baixos nos "Neutros", também apresenta diferenças significativas de elevada magnitude ($F[3,225]= 59.265$, $p=.000$, $f=.895$). A Ambivalência é mais saliente nos "Dependentes/Ambivalentes" e mais reduzida nos "Confiantes", e estas diferenças são significativas e de elevada magnitude ($F[3,225]= 13.879$, $p=.000$, f Cohen= .433). No que concerne à Confiança ($F[3,225]= 34.635$, $p=.000$, $f= .684$), os valores apresentados revelam diferenças significativas, sendo que os "Neutros" são o grupo com índice mais elevado, e os "Evitantes" o que apresentam valores mais baixos nesta dimensão. A Ideação Suicida ($F[3,225]= 477.967$, $p=.000$, $f= 2.541$) destaca-se mais nos "Dependentes/Ambivalentes" e é mais reduzida nos "Evitantes", e as suas diferenças são significativas e de elevada magnitude.

Discussão

No que concerne a associação entre o sexo e as várias dimensões da vinculação amorosa, os resultados não revelam relações significativas, sendo consistentes com

investigações prévias (Assunção & Matos, 2010; Custódio et al., 2010). Contudo, as adolescentes no nosso estudo revelaram ter maior propensão para a ideação suicida, bem como maior historial de depressão (Clum & Esposito, 2002), apresentando-se assim o sexo enquanto fator de risco, aspeto corroborado por investigações anteriores que nomeadamente demonstraram que as mulheres tentam o suicídio três vezes mais do que os homens, apesar de com menor eficácia (Shaffer & Pfeffer, 2001).

No tocante à relação encontrada entre a ideação suicida com a depressão, os resultados encontrados suportam as assunções de Souza e Ávila (2007) de que situações anteriores de depressão se assumem como fator de risco ao nível da ideação suicida. Aerts, Baggio e Palazzo (2009) acrescentam ainda que adolescentes que se sentem mais sozinhos e/ou tristes apresentam uma maior prevalência de planeamento suicida, do que os que não revelam esse tipo de sentimentos.

Relativamente à relação entre ideação suicida e dimensões da vinculação amorosa, os resultados revelam uma associação positiva com a ambivalência e negativa com a confiança. No que concerne a primeira dimensão, não foram encontrados estudos que analisassem esta relação mas, porém pode-se constatar que os resultados são coerentes, uma vez que a ambivalência avalia a insegurança de um indivíduo e a dúvida deste sobre o papel que desempenha enquanto parceiro amoroso (Barbosa et al., 2001). Esta insegurança e este receio podem fazer com que o indivíduo se torne mais vulnerável a possíveis fatores de risco, levando simultaneamente a uma probabilidade de maior prevalência de ideação suicida.

Quanto à confiança, é espectável que os adolescentes que apresentem um modelo positivo de si próprio e do outro, que relacionem as perceções da sua sensibilidade face ao par romântico enquanto fonte de satisfação das suas necessidades, apresentem este aspeto

enquanto fator protetor perante a ideação suicida (Guedes, Machado, & Monteiro-Leitner, 2008).

Para além dos antecedentes e perceções relativamente a dimensões situacionais e contextuais relevantes que foram aqui estudados, pretendeu-se analisar os vários “perfis” dos adolescentes de modo a refletir acerca de “padrões” vinculativos e de ideação suicida. Foram encontrados quatro grupos com características muito compatíveis com as dimensões vinculativas, sendo que a confiança apresentava valores elevados em todos os *clusters*, embora mais saliente em um dos padrões. A presença da ideação suicida em cada grupo diferiu, destacando-se os “Dependentes-Ambivalentes” com valores mais elevados e os “Evitantes” que apresentam uma quase inexistência deste índice. Desta forma, salienta-se que os indivíduos com um perfil de vinculação associado a elevados níveis de ambivalência e baixos níveis de confiança, são mais propensos a desenvolver ideação suicida. Este resultado é coerente com Barros e colaboradores (2009), no caso da associação entre elevados níveis de ambivalência e desenvolvimento de ideação suicida, já a associação entre confiança e ideação não foi possível confirmar com outros estudos.

Considerações finais

O presente estudo almeja ser mais um passo importante na análise das condições individuais, situacionais e contextuais importantes na compreensão e intervenção da ideação suicida. O facto de se ter tentado encontrar um perfil de vinculação onde exista uma maior propensão para a conduta suicida faz com que seja possível, de algum modo, estar mais atento a diversos aspetos no comportamento dos jovens que possam servir de alerta para uma intervenção mais atempada e consistente. Mais ainda, a avaliação e deteção da ideação suicida pode evitar a passagem da ideação à prática do suicídio. Outro aspeto relevante prende-se com a promoção de confiança nos adolescentes, enquanto fator pertinente na prevenção de estados

de ideação suicida, devendo assim ser uma dimensão privilegiada em ações diretas e indiretas (e.g., com pais, professores, pares).

O psicólogo deve procurar romper o isolamento em que vive o adolescente, abordá-lo diretamente, e proporcionar espaço e tempo para a comunicação, nomeadamente acerca do suicídio, facilitando a reflexão acerca de outras possibilidades de enfrentamento das situações (Gutz, 2007), uma vez que esta interação poderá permitir ao jovem expressar o sofrimento e o que sente em relação à situação (Bouchard, 2006). É muito importante o encorajamento dos progressos, habilidades e comportamentos independentes, assim como o respeito dos limites, capacidades e gostos, de forma a favorecer a autonomia e intensificar a autoestima do adolescente (Bouchard, 2006).

Em futuras investigações seria interessante, por um lado, alargar a amostra em estudo, de modo a permitir ter uma visão mais abrangente da relação entre as variáveis aqui trabalhadas, bem como analisar as perspetivas, crenças e historial relativamente ao suicídio de outros elementos relevantes na vida dos adolescentes (e.g., pais, professores, família).

Referências

- Adams, R. E., Laursen, B., & Wilder, D. (2001). Characteristics of closeness in adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescence*, 24, 353-363.
- Aerts, D., Baggio, L., & Palazzo, L. (2009). Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e factores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(1), 142-150.
- Assunção, R. & Matos, P. M. (2010). A Vinculação Parental e Amorosa em Adolescentes: O Papel da Competência Interpessoal e da Tomada de Perspectiva. *Acta do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, 2010. 1574 – 1588.
- Ávila, M., & Souza, R. (2007). Ideação suicida: uma avaliação da saúde mental de infratores presos. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 11 (1). Retirado a 5 de Março de 2011 de <http://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/324/271>.
- Baptista, M. N. (2004). *Suicídio e depressão*. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan.
- Barbosa, S., Costa, M. E., & Matos, P. M. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP*, 11(1), 93-109.
- Barreira, D., Lopes, P., & Pires, A. (2001). Tentativa de suicídio

- na adolescência: avaliação do efeito de género na depressão e personalidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (1), 47-57.
- Barrios L. C., Brener, N. D., Everett, S. A., & Simon, T. R. (2000). Suicide ideation among US college students: Associations with other injury risk behaviors. *Journal of American College Health*, 48, 229-233.
- Barros, M. B. A., Botega, N. J., Dalgalarrrondo, P., Marín-León, L., Oliveira, H. B., & Silva, V. F. (2009). Prevalências de ideação, plano e tentativa de suicídio: um inquérito de base populacional em Campinas, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 25 (12), 2632-2638
- Bertolote, J., De Leo, D., & Lester, D. (2003). La violencia autoinfligida. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zuví, & P. R. Lozano (Orgs.), *Informe Mundial de la violencia e de la salud* (pp. 200-231). Washington: Organización Panamericana de la Salud.
- Bertolote, J. M. & Fleischmann, A. (2004). Suicídio e doença mental: uma perspectiva global. In B. J. Botega & B. G. Werlang (Orgs.). *Comportamento suicida* (pp. 35-44). Porto Alegre: ArtMed.
- Borges, V., Fensterseifer, L., & Werlang, B. (2005). Factores de Risco ou Protecção para a Presença de Ideação Suicida na Adolescência, *Revista Interamericana de Psicología*, 39 (2), 259-266.
- Borges, V., & Werlang, B. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11 (3), 345-351.
- Bouchard, G. (2006). Suicídio na adolescência. Retirado a 1 de Março de 2011 de www.psychomedia.qc.ca/dart7.htm
- Bouvard, M.P., & Doyen, C. (1996). Le suicide chez l'adolescent. *L'Encéphale*, 37(4), 35-39.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, (Vol. 1). Londres: Hogarth Press.
- Cantwell, D. P. & Carlson, G. A., (1982). Suicidal behavior and depression in children and adolescents. *American Academy of Child Psychiatry*, 21(4). 361-368.
- Clum, G. A. & Esposinho, C. L. (2002). Psychiatric symptoms and their relationship to suicidal ideation in a high-risk adolescent community sample. *Journal of American Child and Adolescent Psychiatry*, 41(1), 44-51.
- Collins, W., Furman, W., & Welsh, D., (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
- Diekstra, R. F. W. & Kerkhof, J. F. M. (1994). The prevention of suicidal behavior: A review of effectiveness. In S. Maes, H. Leventhal, & M. Johnston (Eds.), *International Review of Health Psychology* (pp. 145-165). West Sussex: John Wiley & Sons.
- Flechner, S. (2000). Psicoanálisis y cultura: la clínica actual de pacientes adolescentes em riesgo. Um nuevo desafio? *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, (4), 467-482.
- Fombonne, E. (1998). Increased rates of psychosocial disorders in youth. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 248, 14-21.
- Frasquilho, M. A. (1996). *Comportamentos-problema em adolescentes: Factores protectores e Educação para a Saúde. O caso da Toxicodependência*. Lisboa: Laborterapia – Produtos Farmacêuticos, S. A.
- Guedes, D., Machado, K. & Monteiro-Leitner, J. (2008). O Rompimento amoroso, depressão e auto-estima: estudo de caso. *Mal-estar e subjetividade- Fortaleza*, VIII(3), 603-643.
- Gutz, L. (2007). *Ideação de morte e ideação suicida em pacientes hospitalizados com doenças crônicas* (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina), retirado de <http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2009/03/luizgutz.pdf>

- Man, A. F. (1999). Correlates of suicide ideation in high school students: the importance of depression. *The Journal of Genetic Psychology*, 160(1), 105-114.
- Prieto, D., & Tavares, M. (2005). Factores de risco para suicídio e tentativa de suicídio: incidência, eventos estressores e transtornos mentais. *Jornal Brasileiro Psiquiatrico*, 54 (2), 146-154.
- Runeson, B.S. (1998). History of suicidal behaviour in the families of young suicides. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 98, 497-501.
- Shaffer, D., & Pfeffer, C. R. (2001). Practice parameter for the assessment and treatment of children and adolescents with suicidal behavior. *Journal of Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 7 (40, Supl.), 24-51.
- World Health Organization (2002). *Background* [On-line]. Disponível: <http://www.who.int.mental-health/suicide>. Acesso em 15/03/2003.